

Da afirmação da vontade de vida

*Suplemento 45*¹

Tradutores:

Felipe Cardoso Martins Lima
Mestrando em Filosofia - PUCPR

Marcelo Prates de Souza
Mestrando em Filosofia - UFPR

Edy Klévia Fraga de Souza
Mestranda em Estudos da Cultura Contemporânea - UFMT

Se a vontade de vida se manifestasse somente como simples instinto de conservação pessoal, haveria ali somente uma afirmação do fenômeno individual, devido o tempo muito curto de sua duração natural. Os sofrimentos e as penalidades de tal vida seriam medíocres, e a vida seria, assim, fácil e serena. Mas, ao contrário, a vontade deseja a vida de forma absoluta e constante, ao mesmo tempo em que se manifesta sobre a forma de impulso sexual, tendo em vista toda uma série infinita de gerações. Esse impulso suprime a indiferença, o bom humor e a inocência que acompanhariam a solitária existência individual, introduzindo na consciência a agitação e a melancolia, e na vida os infortúnios, as inquietudes e as necessidades. Mas por uma exceção bem rara, podemos suprimi-lo voluntariamente, pois se trata de uma mudança que faz o indivíduo refletir sobre ele mesmo. A Vontade desdobra-se na individualidade sem se prolongar além dela. Essa mudança demanda, todavia, uma violência dolorosa exercida pelo indivíduo contra si mesmo. Mas se o indivíduo pode operar tal mudança, a própria consciência recupera essa indiferença e esta serenidade da simples existência individual, pois se trata de uma importância do mais alto poder. Ao contrário, à satisfação desse impulso e desse desejo violento, liga-se à origem de uma nova existência, isto é, entra em cena uma vida nova para percorrer todas as suas obrigações, todos os seus problemas, suas necessidades, com todas as suas dores. Sem dúvida, essa é a tarefa de outro indivíduo; entretanto, se os dois indivíduos eram absolutamente diferentes na aparência fenomênica, o que aconteceria com a justiça eterna? A vida aparece como um dever, como uma lição a se realizar, e em regra geral, como uma luta incessante contra a miséria. Também cada homem busca livrar-se

¹ Suplemento traduzido da obra: SCHOPENHAUER. A. *Le Monde comme Volonté et comme Représentation*. Paris: PUF, 1966, p. 1328-1333.

dessas dívidas da melhor maneira possível; paga a vida como uma corvéia da qual é devedor. Mas como contraiu esta dívida? Justamente pela fruição da volúpia. Assim, esta fruição experimentada, conduz para outra obrigação de viver, de sofrer e de morrer. Sabemos, entretanto (é o momento de refletir) que a diversidade do homogêneo deve-se ao espaço e o tempo, denominado como *principium individuationis* (princípio de individuação). Senão, seria necessário perder a esperança na justiça eterna. O fato de o pai se reconhecer no filho que ele procriou, é justamente o princípio desse amor paternal que impele o pai a fazer, a sofrer, e a ousar mais para o filho que para si mesmo, e a considerar ao mesmo tempo todos estes sacrifícios como uma dívida que ele precisa pagar.

A vida de um homem, com suas fadigas infinitas, suas necessidades e suas dores, é considerada como explicação e paráfrase do ato gerador, isto é, da própria afirmação decidida do querer viver. Com esta afirmação aparece ainda à dívida da morte contraída com a natureza, a qual o homem apenas pensa com um aperto no coração. Isso não prova que a nossa existência encerra uma ilusão? Sem dúvida, contra esse direito a pagar periodicamente o nascimento e a morte, não cessamos de existir, e passamos por todos os sofrimentos e alegrias da vida, sem que nenhuma possa nos escapar. Eis aqui o fruto da afirmação do querer viver. Assim o temor da morte que, malgrado todos os tormentos da vida, tem nos atado, é, verdadeiro dizer, ilusório; mas o impulso que nos tem atraído na vida também o é. Este impulso pode se contemplar objetivamente no encontro pleno e no desejo dos olhares de dois amantes. Esses olhares são a expressão mais pura do querer viver em sua afirmação. Que doçura, que ternura o anima aqui! Ele quer o bem estar, um tranqüilo gozo e uma alegria doce, para si mesmo, para os outros e para todos. Este é o tema de Anacreon. Justamente por esta atração e suas lisonjas ele se introduz na vida. O sofrimento conduz o crime à sua sequência, e, por sua vez, o crime ao sofrimento: a punição surge. O horror e a devastação preenchem a cena. Este é o tema de Eschyle.

Prosseguimos: a operação que permite a vontade de se afirmar e o homem de nascer é o ato cujo todos os indivíduos experimentam, trata-se aqui de uma vergonha interna, da qual ocultam com cuidado; horrorizados, apoderam-se sobre esse fato, como surpreendidos no cumprimento de um crime. Esta é uma ação cujo pensamento excita apenas a repugnância dos que tem sangue frio, e somente o horror dos que tem as disposições de espírito mais elevadas. Sobre o sujeito, Montaigne nos apresenta considerações detalhadas e profundas, realizadas nesse sentido no capítulo 5 (cinco) do terceiro livro sob esse comentário marginal: o que é o amor? A concretização desse ato é

imediatamente acompanhada de um desgosto e de um arrependimento particular, sensível, pela primeira vez livre, de modo mais acentuado no caráter mais nobre. Já o pagão Plínio nos diz: “*Homini tantum primi coitus poenitentia: auguriun scilicet vitai, a poenitenda origine*” (Um homem só se arrepende do primeiro coito; assim o prenúncio da vida é a origem de um arrependimento) (*Hist. nat.*, X, 83.). E de outra parte, o que praticam e o que declamam no Fausto de Goethe, os diabos e os feiticeiros em seu sabbat? Justamente a própria luxúria e a obscenidade. E nos magníficos *Paralipomenas* desse mesmo Fausto, o que professa Satã em pessoa diante da multidão na assembléia? A obscenidade e a luxúria; nada mais. Entretanto a incessante repetição de um ato desta natureza é único meio que assegura a existência da raça humana. Se agora o otimismo tinha razão, ele nos obrigava a reconhecer com gratidão na nossa existência o dom gracioso de uma suprema bondade guiada pelo sossego, e por consequência um dom digno de elogios, uma fonte de glória e de alegria, então o ato destinado ao perpetuar deveria revestir verdadeiramente uma aparência toda diferente. Esta existência, ao contrário, é apenas um gênero falso, ela é obra de uma vontade originalmente cega, cujo desenvolvimento mais elevado consistiria em reconciliar-se com ela mesma, para suprimir seu próprio movimento, então o ato que perpetua essa existência deve ter exatamente a aparência que ela tem. Aqui, deve-se empregar uma observação relativa à verdade primeira e fundamental de minha doutrina: A vergonha provocada pelo ato da geração se estende às partes que servem para realizá-la, pois a natureza nos forneceu a mesma desde o nascimento, assim, como todos os outros organismos. É ainda uma prova surpreendente que, não apenas as ações, mas também o próprio corpo do homem é considerado como forma fenomênica, como objetivação e obra de sua vontade. Nesse sentido, o homem poderia envergonhar-se de algo que existiria sem sua vontade?

Em relação ao mundo, o ato da geração aparecia como sendo a palavra do enigma. O mundo, na realidade, é entendido no espaço, existe no tempo e nele está presente uma inesgotável diversidade de figuras. Tudo isso, portanto, é o fenômeno da vontade de vida; e o centro, o foco desta vontade, é o ato da geração. Assim, nesse ato exprime-se com toda transparência possível a essência íntima do mundo. Essa consideração é digna de atenção, pois declara absolutamente “a vontade”, nessa expressão muito característica: *er verlangte Von ihr, sie sollte ihm zu Willen sein.* (a ele exprime em realizar sua vontade). Como expressão mais clara da vontade, este ato é, portanto, o centro, o resumo, a quinta essência do mundo. Trata-se de um novo dia derramado sobre a natureza e a condução do mundo:

eis a palavra do enigma. Assim, designamo-lo com o nome de “a árvore da ciência”, pois basta a um homem conhecer para que seus olhos se abram sobre a vida, como diz Byron:

The tree of knowledge has been pluck'd. — All's known (I). (Don Juan, I, 127)

Esta propriedade não explica de nenhum modo o que é o grande ἄ ρητον, o segredo do fantoche, o qual não é permitido de falar expressamente em nenhum tempo e em nenhum lugar, mas que sempre e por toda parte, se entende como objeto capital, isto é, pensamento sempre presente no espírito de todos e que faz apreender imediatamente a menor alusão a este sujeito. Já que por toda parte uns praticam e outros supõem as intrigas de amor, o papel principal que desempenha no mundo este ato e todos os quais a esse se liga, responde bem a importância deste *punctum saliens* do surgimento de um novo ser no mundo. O lado agradável disso é o perpétuo mistério do qual cerca esta operação, que para nós é a mais interessante dentre todas.

Mas vemos agora toda a tormenta do intelecto humano, jovem e inocente ainda, horrorizado pela gravidade do ato cometido, quando pela primeira vez ele descobre esse grande mistério do mundo! Eis aqui a razão: neste longo caminho que a vontade, desprovida de consciência no início, tem que percorrer antes de se elevar até o intelecto, sobretudo o intelecto humano e racional, torna-a tão estranha a si mesma, que não conhece mais sua origem, esta *pœnitenda origo*, e considerando do ponto de vista do conhecimento puro e inocente, ela é surpreendida de terror nesse espetáculo.

A vontade encontra seu ponto, quer dizer seu centro e sua mais alta expressão, no impulso sexual e na sua satisfação; é, portanto um fato bem característico cuja natureza restitui ingenuamente, por conta de sua linguagem simbólica, a vontade individualizada, dito de outro modo, que o homem e o animal não podem entrar no mundo a não ser pelas partes sexuais.

A afirmação do querer viver, concentrado no ato da geração, é uma necessidade absoluta para o animal. No entanto, apenas no homem a vontade que é a *natura naturans*, eleva-se a reflexão. Ora, chegar à reflexão é conhecer não apenas para satisfazer as exigências momentâneas da vontade individual, mas também para servir as necessidades urgentes do presente — como é o caso para o animal, na medida de sua perfeição e de suas necessidades, inseparavelmente ligadas uma a outra — mas é ter adquirido um conhecimento extenso e alargado, que permite uma lembrança precisa do passado e uma antecipação que se aproxima do futuro, como uma forma de vida conjunta sobre a vida

individual, sobre a sua, sobre a outra, sobre a existência em geral. Na realidade, a vida de cada espécie animal, durante milhares de anos de sua existência, assemelha-se de qualquer maneira há um instante único; pois não seria ela outra coisa do que a própria consciência do presente, sem aquela do passado e do futuro, e, por conseguinte sem aquela da morte? Neste sentido, podemos vê-lo como um instante que duraria, como um *nunc stans*. Vemos aqui, diga-se de passagem, e sem dúvida alguma, que a forma geral da vida, ou do fenômeno da vontade acompanhado de consciência, encontra-se imediatamente no simples presente. O passado e o futuro aplicam-se somente para o homem e sob a forma de puros conceitos; eles são conhecidos *in abstracto*, e todo o resto esclarecido pelas figuras da imaginação. Uma vez, portanto, que o querer viver, quer dizer, a essência íntima da natureza, em suas aspirações sem repouso rumo a uma objetivação perfeita e um perfeito gozo, percorreu a série inteira dos animais (e esse acontecimento se produz frequentemente pelos planetas nos intervalos repetidos das séries sucessivas dos animais e sempre renascentes). Nessa evolução realizada, o querer chega enfim, no ser provido de razão e reflexão, isto é, no homem. É justamente aqui que tudo tornar-se grave para ele; a questão se lhe impõe em saber sobre a origem e o objetivo de tudo, de saber, sobretudo se os tormentos e as misérias de sua vida e de seus esforços são compensados pelo ganho que retira. Esse jogo vale à pena (*sic*)? É, portanto, aqui o momento onde, a luz de um conhecimento preciso, ele se decide para a afirmação ou para a negação do querer viver; ele não pode, entretanto, ter consciência da negação que recobre o véu da alegoria. — A consequência é que não temos nenhuma razão em admitir que a vontade permaneça nula no mais alto grau de objetivação, já que ela alcançou o ponto culminante de sua caminhada.

Recebido: 16/10/10

Received: 10/16/10

Aprovado: 14/11/10

Approved: 11/14/10